

Candidatura precipitada

18 NOV 1987

NC
P2

O ministro Aureliano Chaves segue no próximo domingo para a Europa em viagem administrativa, na qual verá o que se faz em matéria de energia na parte socialista (Hungria) e no lado Ocidental (Alemanha e Austrália). Aureliano, ao contrário do que se pensa, não viaja para sair do fogaréu político brasileiro, para preservar sua candidatura à Presidência da República de uma exposição prematura ao sol e ao sereno. Para começar, não é candidato, nem de si mesmo, nem do partido a que pertence. Para terminar, ele não enxerga no horizonte político, à vista, motivos para acreditar numa estabilidade institucional do País com eleições presidenciais em 88. Mesmo que quisesse aceitar essa loucura de ser candidato, o PFL não teria condições de lhe dar a estrutura nacional de uma máquina partidária. Não o teria, aliás, nem para eleições em 89.

Presidencialista convicto, o Ministro das Minas e Energia viaja preocupado. Entregou-se há tempos a um programa administrativo que lança profundas bases no setor energético do Governo, coordenando e dirigindo de fato uma estrutura que já repudiou no passado todos os ministros que quiseram administrar as soberanas estatais de sua área. O parlamentarismo poderá devolver ao crítico setor da energia a falta de continuidade dos programas, e uma visão capilar de uma crise que na verdade é tão complexa quanto paradoxal: há três anos, o Brasil não tinha dinheiro e importava petróleo caríssimo.

Hoje, o Brasil continua sem dinheiro, e, pior ainda, o petróleo importado nunca esteve tão barato. Mas a Petrobrás não tem recursos em caixa para importá-lo e por paradoxo tem muita gasolina para exportar, mas os Estados Unidos, que nos compram 140 mil litros diários, ameaçam cortar sua compras em função das retaliações comerciais. A crise é de eficiência e gerenciamento e precisa de autoridade forte para resolvê-la: às vezes, o Ministro das Minas e Energia até pensa que ninguém será capaz de desamarrar o nó em que prendem a economia brasileira, atada, por sua vez, a uma política praticada por uma elite desinformada e utópica.

Candidaturas, agora, serão suicídio político, pois sequer se conhece o arcabouço final da Nova Constituição, que ainda não passou pelo plenário. A transição não se encerrou mas os nomes já estão nas ruas. Primeiramente, se for mantido o parlamentarismo pelo plenário, há que se ver o aspecto da reforma estrutural dos poderes, com as negociações que se abrirão para a escolha do primeiro-ministro do novo regime. Este precisará de poderes ampliados porque em um ano não poderá ser substituído. E se o sistema for derrubado no plenário, para manter o presidencialismo, novo quadro se abrirá, e somente após sua revelação é que as candidaturas terão espaço para se projetar.

Agora, qualquer movimento de candidatos à Presidência da República é contribuição maior para o caos. É melhor viajar.